

## “O CHÃO DA ALMA” E OUTRO POEMAS

Alex Pitta<sup>1</sup>

### O chão da alma

De súbito, a amplidão acenou em mim a esperança,  
inundando o clarão a fraturar as sombras de meus olhos gastos  
de se fechar, que, por pouco, perdiam-se no estagnado.

Ignorada é a dor que antes trilhava desfiladeiros na turva jornada:  
a Morte, na velha carroça que em minhas mãos insistia,  
era a guia dessa densa noite de destertos.

Porém, interminável na vista, o planalto  
marca nos meus pés a indomável rota, resoluta e mística.

Eu, cego de luzes, sou envolvido pelo Tudo a firmar meus passos,  
sujos da grande terra fértil, tingida pelo vermelho do intenso sol.

Agora céu e chão – unidos no voo incerto e vivo – levam  
as areias do tempo (o mais esquecido longe),  
e eu, nos ventos da Iluminação, sigo para o mais inóspito solo –  
que de verdes arboresce e de auroras avermelha-se:

a terra assentada em minha alma, desabitada no silêncio do desvisto  
e que, na sede de êxtases, abre-se, num claro peito, que em venturas  
planta-me num outro nascer, alado, incontido. O Infinito.

---

<sup>1</sup> Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. alexpitta87@gmail.com

## Sísifo aniquilado

O insustentável claustro da dor cresce,  
enrijecendo ombros caídos de penar  
a própria andança em mundo vasto  
de montes feridos de largas distâncias.

Um espelho desenha-se na grande rocha,  
riscando a face cinza. Eram os olhos do perder  
e a vida vencida que subia, subia. Vencida.  
E as mãos, duras, apenas a rocha empurravam.

Havia o topo, do maior sol, iluminando o “se”.  
Porém, curvado, o crânio suado vertia-se  
na ínfima força, em torturante penumbra.  
E as lágrimas escureciam-se na terra sem luz.

Os braços, gastos de ordem, tremiam o vazio  
a contrair músculos, ossos – e o peito.  
E a pedra era maior que o monte, que o sol –  
que o sangue que desesperadamente escorria.

O ar faltava, tanto quanto o topo não visto.  
Os olhos, embaçados, focavam, perdidos,  
o desfigurado reflexo. E Parada. A pedra.  
Congelado. Sísifo. No martírio ofício.

Viu-se nos dedos desanimados, na boca  
aberta e muda, nos ouvidos órfãos de pássaros.  
E, nos rios vermelhos que cortavam sua face,  
viu a vida descer, feroz, sobre sua rasa alma.

## Inocente

*“Acordar é um pouco de morrer.”*

Sonhando a deixar o doce colorir os passos,  
levava em si o berço de sua pequena aurora,  
pendurada em sóis plásticos de um brinquedo  
que no alto desenhava a cantiga a leve soar.

Eram os olhos fechados a ver o arco-íris, a dar  
à língua o gosto de viver, lambuzando dentes  
em sorrisos brancos de nuvens. E o sol, acima,  
girando, girando, na brisa do entardecer.

E fechados ficavam, sem saber do falso do sol,  
que sorria o opaco desenho de sua cor, frágil  
adorno a ninar um sono. Pequeno, ínfimo –  
e profundo, pois não via o branco vácuo do acordar.

## O azul rúbeo

*"O resto é soedá."*

*Manuel María, em Terra Cha*

Todo o encanto que bebeu meu sangue,  
vertendo a oferta da alma em sujo chão,  
resta na seca carne, pálida, vagante na sede  
de um dia se encontrar no vermelho que resta.

E, ébrio de Nada, desfaço-me nos rastros da andança  
que dia algum existiu, indagando ao céu quaisquer auroras.

O vasto azul esvai-se vazio no tropeço da minha surdez de querer,  
que escorre a dor a tingir a terra e rasgar os pés já secos de norte.  
A visão perde-se na mistura das cores, na aquarela trágica do pôr-do-sol,  
e o ar mata a última gota de vida a agonizar num corpo esquecido de lágrimas.

O silêncio prolonga-se na aridez de só o vácuo enxergar.  
No cromatismo da morte, alma e sol se vão, mentindo o mito do Retorno  
enquanto meus olhos, cegos, secos, encerram-se, como o peito.

Que se esquece na noite eterna.

Que se perde na infinda espera.

## Imenso mar (ou O Tempo e o Eterno)

Insistente no céu o cinza hostil irrompia  
enquanto a calma nadava no imenso mar,  
de raras vagas a girar com o alto vento,  
fronteirando frágil as gládias naturezas.

O Tempo banhava-se no horizonte azul, de ignorada fundura,  
fazendo sua misteriosa luz boiar infinita  
e ferir a fria cor do sombrio páramo, de naufraga aurora.  
Tirânico, o Eterno trovejava a noite de secas tormentas,  
com o perdido chovendo no mar o morto olvido.

O horizonte rachava-se no triste embate:  
a fúria celeste cavava os vagalhões titânicos,  
golpeando com raios vácuos os braços do Tempo.

E, voando no ar, gritos do fogo e da procela.

O milenar paredão, cúmplice meu, murmura  
em mim a dor ecoada de suas fendas.  
As areias, meu repouso, são a morte da grande rocha,  
escavadas pela amplidão das eras.  
Sopros trazem a secura da guerra à pedra, cortando-lhe  
a pele, e rajadas de vazio descem do espaço, fazendo verter  
de um corpo morto as cinzas do Eterno cego.

Afundo-me na areia, incerto.  
Com a face dura, impenetrável.  
Descalço de fé, seco de unção,  
esquecido da Hora.

Lembrado somente pelo rochedo de cinzeo pó,  
cuja ossada é a cova aberta nas ruínas dos milênios –  
onde enterro-me, ausente de mar, surdo de estrelas.

## O palhaço

*“Amanhã recomeço.”*

*Carlos Drummond de Andrade, em O elefante.*

Riscada na fronte gasta,  
a escassez do borrado sorrir  
pela longa e só jornada.

Vermelha, a vergonha pintada  
no nariz, de estranha forma,  
recuando de olhares cinzas.

Amassado nas simples vestes,  
dobra-se, na recusa de poder,  
no bolso esquecido da sua vontade.

Os cabelos, enrolados no inusitado,  
desagradavam a ordem no desgrenho.  
E o pente ria ridículos com dentes quebrados.

Os pés amarrados no sapato velho,  
enterrados na poeira dos dias vagos,  
e desfeitos do brilho dos saltos vivos.

Mãos grandes, desastradas, caíam nas coxas,  
por perdidas estarem no O-que-agarrar?,  
ritmando o olhar vagante e vazio a girar.

Sentado na longa estrada, espera. Espera.  
Sonhando o maior truque, último,  
guardado num pequenino bolso, discreto:

vasculhando o interior do paletó, acha,

roto e esgotado, um antigo estojo,  
com seus lápis e pincéis de rosto.

Com mãos seguras, limpa da velha fronte  
a seca tinta que descascava em silêncios.  
Despido de restos, olha o estojo, iluminado.

Pinta a ida a um Onde?, mapeado nos traços  
do arco-íris a agora emoldurar uma face que,  
tímida, esboça um sorriso, amarelo. Áureo.

E assim desenha-se, rascunhando felicidades.  
O toque leve do pincel traz caretas e risos  
e um vermelho outro aponta no grande nariz.

Sentado ainda, olha, com olhos de infância,  
o imenso vasto que o envolve. Então levanta  
e move-se, seguindo para seu destino. Pulando.